

Downtown Filmes, Paris Filmes, Gaya Filmes e Ligocki Entretenimento apresentam

INSPIRADO NA HISTÓRIA REAL DE UMA HEROÍNA

"PUREZA É,
AO MESMO TEMPO, UM FILME
EMOCIONANTE E VIGOROSO."

Cacá Diegues

"TÃO URGENTE
QUANTO EMOCIONANTE."

Fernando Meirelles



DIRA PAES

PUREZA

Direção Renato Barbieri Produção Marcus Ligocki Jr

Do mesmo diretor de "Atlântico Negro - na Rota dos Orixás" e "Cora Coralina - Todas as Vidas"

ELABORADO POR MATHEUS ABRÃO, FLAVIO BAUDRARDI, MARIANA NUNES, SERGIO SANTORRO, ALBERTO SILVA NETO, CLAUDIO BARRIOS. DIREÇÃO DE ARTES: WALTER DE BARROS, ANTONIO GRASSI, GIULIO LOPES. CENA CASTELLO
COSTUMAS: ZEZE D'ALICE. EDIÇÃO: CAETANO COTRIM DE BLASIS, ERIC RIBEIRO CHRISTIANI. MONTAGEM: LUCAS MEYER A.S.A. MÚSICA: JOSE AUGUSTO DE BLASIS. SOM: KEVIN RIEPL. MARCELO MORAES EDIT. DE: ZE LUISA. DIRETOR DE FOTOGRAFIA: FELIPE REINHHEIMER
PRODUTORES EXECUTIVOS: MARCUS LIGOCKI JR., RENATO BARBIERI, PAULO MORELLEI, MARCELO COEDERT. PRODUTORES: HUGO SANTAREM, RENATO BARBIERI, RENATO BARBIERI, MARCUS LIGOCKI JR., AFRONSO BEATO

www.purezaofilme.com.br @purezaofilme #purezaofilme siga @dfilmes VERIFIQUE A CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA

Este projeto é apoiado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Estado de Pernambuco



“Grande filme! Um filme tão universal e tão brasileiro. Poderia ser um filme de época, mas infelizmente é muito, muito atual. Que ‘Pureza’ conquiste o mundo!”

Carlos Marcelo Carvalho, jornalista

PRÊMIOS

Rencontres Du Cinéma Sud-américain/Marseille (França)

Melhor Filme Júri Popular; Menção Honrosa do Júri

Canal de Panamá International Film Festival

Melhor Filme

FEMI Festival (International Film Festival of Guadalupe) (Caribe)

Melhor Filme

Big Muddy Film Festival (EUA)

Melhor Filme

Infinito Film Festival de Miami/Nova York

Melhor Atriz

Melhor Fotografia;

Seattle Latino Film Festival (EUA)

Melhor Atriz

Salento International Film Festival (Itália)

Melhor Atriz

Workers Unite Film Festival (EUA)

Menção Honrosa

Washington, DC International Film Festival (EUA)

Menção Honrosa na Competição Justice Matters

Festival de Cinema de Vitória

Melhor Filme Júri Popular

Melhor Atriz

Florianópolis Audiovisual Mercosul

Melhor Filme Júri Popular

Festival do Rio

Première Brasil – Competição longas de ficção

Encontra Nacional de Cinema e Vídeo dos Sertões

Melhor Filme Júri Oficial; Melhor Filme Júri Popular; Melhor Ator; Melhor Direção; Melhor Fotografia

12nd Festin – Festival de Cinema Itinerante da Língua Portuguesa

Melhor Filme Júri Oficial; Melhor Atriz

SINOPSE

No interior do Maranhão, Dona Pureza trabalha fabricando tijolos ao lado de seu filho Abel. Em busca de uma vida melhor, o rapaz decide tentar a sorte nos garimpos da Amazônia. Quando fica meses sem receber notícias do filho, Pureza inicia uma jornada incansável para descobrir o seu paradeiro.

Na busca por Abel, Pureza percorre cidades, se embrenha em fazendas e descobre um cruel sistema de aliciamento e cárcere de trabalhadores rurais. Ela testemunha o tratamento brutal dispensado aos trabalhadores.

Com muita coragem, ela consegue escapar da fazenda e decide denunciar os fatos às autoridades Federais. Sem credibilidade, e lutando contra um sistema forte e perverso, Pureza retorna à fazenda para registrar provas e pressionar o governo – sem nunca perder de vista a busca por seu filho Abel.

Inspirado na história real de Pureza Lopes Loyola, cuja luta inspirou a criação do Grupo Especial de Fiscalização Móvel, a primeira ação na História do Brasil destinada a combater o trabalho escravo em todo o território nacional.

“Esta é uma história convincente da busca determinada de uma mãe por seu filho. A imagem da escravidão moderna, seus efeitos desumanos sobre os indivíduos e o terrível poder de vida e morte dos donos de escravos se desdobram nos olhos de Pureza. Como ‘Vinhas da Ira’, de Steinbeck, o filme evoca experiências vividas, lutas e relacionamentos fraturados de pessoas sem poder e proteção. Mas a decisão de Pureza de falar sobre o que está acontecendo desafia profundamente esse quadro de vulnerabilidade implacável. O filme torna-se uma história de vitória e esperança, e do poder de cada pessoa para ajudar a mudar a maré.”

(Ginny Baumann, ativista internacional de organizações antiescravidão)

SOBRE PUREZA LOPES LOYOLA

Pureza Lopes Loyola nasceu em Presidente Juscelino, município a 85 km de São Luís, e se mudou para Bacabal, a 240 km da capital, onde o marido tinha parentes. Com o fim do casamento, a sobrevivência passou a depender da olaria e da venda de tijolos na qual trabalhava ombro a ombro com seus cinco filhos. Evangélica, alfabetizou-se aos 40 anos com o objetivo de ler a Bíblia.

Em 1993, depois de meses sem notícias do filho caçula, Antônio Abel, que partira em busca da sorte no garimpo, Pureza decidiu seguir seu rastro. Com a roupa do corpo e munida de uma bolsa, sua Bíblia e uma foto de Abel, Pureza estava decidida a encontrá-lo vivo ou morto. Sabia apenas que ele tinha ido ao Pará.

Em sua busca determinada por Abel, Pureza visita fazendas e descobre um perverso sistema de aliciamento e escravidão de trabalhadores “contratados” para derrubar grandes extensões de mata nativa a fim de converter a área em pastagem para o gado.

De fazenda em fazenda, Pureza conheceu de perto o drama dos peões, tornando-se amiga e confidente de muitos trabalhadores. Conheceu por dentro o sistema pelo qual os empregadores confiscavam documentos de identidade dos empregados e tornavam-nos totalmente dependentes dos encarregados para obter roupa, comida e produtos básicos. Ouviu relatos dramáticos de trabalhadores que poderiam ser mortos se tentassem se rebelar ou fugir.

Com a ajuda da Comissão Pastoral da Terra – a CPT, Pureza entrou em contato com o Ministério do Trabalho e o Ministério Público do Trabalho no Maranhão, no Pará e em Brasília. Chegou a escrever cartas para três presidentes da República: Fernando Collor, Itamar Franco (o único que lhe respondeu) e Fernando Henrique Cardoso. Até hoje, ela guarda uma cópia de cada uma dessas cartas.

A batalha de Pureza para encontrar Abel deu impulso decisivo à criação, em 1995, do Grupo Especial Móvel de Fiscalização, que uniu auditores-fiscais do trabalho, policiais federais e procuradores do trabalho para viabilizar o cumprimento da lei e a observância de direitos trabalhistas em todo o território nacional.

Em 1997, Pureza recebeu em Londres o Prêmio Anti-Escravidão da Anti-Slavery International, a mais antiga organização de combate ao trabalho escravo em atividade no mundo.

Hoje, Abel vive em Bacabal com Pureza e a família.

Entre 1995 e 2021, o Grupo Móvel libertou mais de 57 mil trabalhadores em condições análogas à escravidão.

Em 2018, segundo estimativas da Walk Free Foundation, 369 mil pessoas foram submetidas à escravidão no Brasil. No mesmo ano, segundo a OIT, 40,3 milhões de pessoas foram submetidas à escravidão no mundo.

A política de combate ao trabalho escravo no Brasil se tornou referência mundial. Atualmente, o combate ao trabalho escravo enfrenta retrocesso no atual governo federal e no Congresso.

“O filme apresenta o retrato inglório de uma sociedade que, até hoje, em pleno século 21, não conseguiu se desvencilhar das amarras da escravidão. Filme intenso, cenas fortes, belíssimos enredo e fotografia. É o cinema brasileiro mostrando que veio para ficar.”

(Alessandra dos Santos Teixeira , Auditora Fiscal do Trabalho)

DIRA PAES (Pureza)

Uma das maiores atrizes de cinema e televisão do Brasil, Dira Paes foi a escolha ideal para viver Pureza no cinema, por seu trabalho social e humanitário que desenvolve há anos, em sua luta em prol dos trabalhadores precários e escravizados, das crianças e da população carente.

Desde 2015, ela é uma das principais mobilizadoras do Criança Esperança e uma das dirigentes do Movimento Humanos Direitos.

Como atriz, são 32 anos de carreira e 43 filmes realizados, entre curtas e longas. Um de seus primeiros papéis de destaque foi em “Ele, o Boto” (1987), de Walter Lima Jr. Em 1996, ela venceu o Candango de melhor atriz no Festival de Brasília como a protagonista de “Corisco e Dadá”, de Rosemberg Cariry. Outros trabalhos de destaque foram em “Amarelo Manga” (2002), de Cláudio Assis; “2 Filhos de Francisco” (2005), de Breno Silveira; “Ó Paí Ó” (2007), de Monique Gardenberg; e “A Festa da Menina Morta” (2008), de Matheus Nachtergaele.

Entre seus filmes mais recentes, destacam-se "Redemoinho" de José Luiz Villamarim; "Veneza", de Miguel Falabella; e “Divino Amor”, de Gabriel Mascaro. Em 2017, Dira ganhou o Troféu Oscarito pelo conjunto da obra no Festival de Gramado. Recentemente, estreou como diretora com o filme, “Pasárgada”, do qual também é roteirista e protagonista.

Na TV, seu trabalho ganhou destaque em inúmeras novelas, como o remake de “Irmãos Coragem” (1995), “Caminho das Índias” (2009), “Fina Estampa” (2011) e “Velho Chico” (2016), além do seriado “A Diarista”. Atualmente, ela vive Filó no remake da novela “Pantanal” na TV Globo.

ENTREVISTA – DIRA PAES

Você já tinha ouvido falar da Pureza? E como foi seu primeiro encontro com ela?

Eu já conhecia a história da Pureza como uma abolicionista contemporânea, que tinha conseguido realizar um volume grande de libertações e ganhado um prêmio internacional muito importante, o Anti-Slavery Award. Acabo de falar para você umas poucas frases, e isso já dá um filme (risos). Faço parte de uma ONG que também luta contra o trabalho escravo. Desde minha adolescência, quando adquiri consciência política sobre o meu estado (*o Pará*), a grandeza da territorialidade paraense, desde sempre os conflitos de terra foram uma das questões mais bárbaras. O Pará é um estado degradado, mas o mais degradado mesmo é o próprio homem. Todas essas questões sempre fizeram parte da minha vida naturalmente, um olhar para a terra como o início de todos os problemas. Antes, nós éramos considerados “eco-chatos”, mas hoje essas questões são fundamentais, e conseguimos elaborar melhor as questões sociais e ambientais.

Quando o Renato Barbieri (*diretor do filme*) me apresentou o roteiro, eu já sabia que ia fazer este filme. Não tinha como não fazer o personagem, não me doar pra aquilo. A gente estava apenas se conhecendo, mas eu já pensei: isso não é um convite, é uma convocação.

Para conhecer dona Pureza, fizemos uma viagem amazônica até Imperatriz do Maranhão e depois até Bacabal. Buscamos a filha dela primeiro, tiramos fotos com a vizinhança. Quando entrei na casa dela, me encantei: ali tudo é tão essencial, quase minimalista. As pessoas vivem com o mínimo possível, e ao mesmo tempo há uma dignidade em cada detalhe.

A casa de dona Pureza era a última casa da rua. Uma casa linda, bem construída, faltando apenas pintar. Ela já foi falando como se me conhecesse, sem formalidades. Já fez alguma cobrança bem-humorada pro Renato, já estava em alguma negociação com ele sobre o filme (risos). Me deu um abraço cheio de sorriso. É uma mulher veloz, que fala, gesticula muito. Pensei: também não posso retratá-la exatamente assim no cinema, vão achar que eu estou exagerando (risos).

Ela me mostrou muitas fotografias e entrevistas que deu na época. E me contou uma história muito marcante na vida dela, que não está no filme: o encontro dela com a onça. Transcrevi tudo isso pro papel, e isso virou o discurso dela no filme.

A partir do roteiro, quais os traços e as qualidades da Pureza real que você decidiu ressaltar na construção da Pureza da ficção?

A Pureza é uma onça. Por exemplo, na cena em que eu enfrento o abusador da prostituta na rua, aquilo de alguma forma é o encontro com a onça. O roteiro sugeria uma articulação de ideias, construídas a partir de uma observação, uma resistência dela à vida. Pureza foi

perspicaz: ela foi atrás de um filho fingindo uma condição que ela não tinha. Ela vendia tijolo, era uma mulher independente, e foi mergulhando no universo do trabalho escravo.

Todas as pessoas que correm o risco de serem escravizadas lutam sem nada. Eu vi com os meus olhos, conheço o Brasil, pude testemunhar mais uma vez essa condição do nada, os escravos que perdem seus registros e documentos. Pureza foi corajosa, organizou um plano de ação. A melhor definição para ela é coragem. Ela subiu naquele pau de arara sabendo pra onde estava indo, diferente dos outros que achavam que iam só cair na “juquira”, derrubar árvore pra plantar soja, criar gado. É um ciclo de destruição vigente na nossa sociedade, que usa de mão de obra forçada pra construir grandes riquezas.

Agora que o filme será lançado, onde você quer que esse filme chegue?

“Pureza” é um filme que deu muito trabalho de fazer. Não é fácil filmar na Amazônia, no sul do Pará. Foi muito importante filmar ali mesmo, naqueles lugares, naquela temperatura, perto daqueles rios. Como paraense, eu ainda não conhecia aquela região. Festejei meus 50 anos tomando banho nos rios Tocantins e Arapiuns.

As pessoas devem ver o filme porque esta é uma trajetória singular. É uma história que se repete todo dia no Brasil. A história da Pureza inspirou que as legislações trabalhistas fossem revistas, e que um Grupo de Vigilância Móvel fosse finalmente criado contra o trabalho escravo contemporâneo. É um marco histórico que ela tenha sido reconhecida pelo Nobel dos direitos humanos, o Anti-Slavery Award. É preciso continuar. Precisamos ter exemplos de pessoas como ela, que foram além do que pensaram que poderiam ir.

Quando eu assisti o filme, tive diferentes sensações, fiquei comovida por vários motivos. É uma provocação política, social, mas sobretudo a história da busca de uma mãe coragem, que não vai parar enquanto não encontrar seu filho.

Você é uma das fundadoras do Movimento Humanos Direitos, que já tem quase 20 anos. Conte um pouco do seu trabalho no movimento.

Nós somos um movimento que promove a visibilidade de causas ligadas às infrações dos direitos humanos. Nossa missão é mostrar companheirismo a líderes comunitários que são ameaçados de morte. Às vezes um abraço em praça pública em pessoas desamparadas, estar presente ao lado de uma pessoa ameaçada, já dá uma força a elas, faz elas se sentirem vistas. Toda a degradação ambiental tem uma lógica: você começa degradando a terra e acaba degradando o homem. Essa antropofagia é a causa de todos os problemas sociais. É o lavrador que não tem documentação e tem sua terra tirada dele, obrigado a ir embora para a cidade grande. O Movimento Humanos Direitos tenta quebrar esse ciclo.

Nós trabalhamos em quatro pilares: o combate ao trabalho escravo, a defesa do meio ambiente, as questões dos índios e dos quilombolas, e o direito das crianças e adolescentes. Mas todos estes problemas estão sempre conectados.

Meus companheiros de cena foram escravizados, e isso foi muito radical pra mim. Você vê isso nos olhos, nas mãos, nos pés. Em cada traço deles, está escrito o Brasil a que eles pertencem. Foi uma experiência marcante, que vou carregar comigo por toda a vida.

MATHEUS ABREU (Abel)

Jovem ator que vem despontando nos últimos anos no cinema e na TV, Matheus Abreu foi o escolhido para viver Abel, o filho de Pureza que some no mundo ao buscar uma vida melhor no garimpo, e motiva toda a busca da protagonista.

Natural de Ouro Branco, no interior de Minas Gerais, ele já estreou no cinema aos 16 anos como protagonista do filme de aventura “O Segredo dos Diamantes” (2014), de Helvécio Rattón. No mesmo ano, participou de “Hoje eu quero voltar sozinho”, de Daniel Ribeiro, longa selecionado pelo Brasil para disputar uma vaga no Oscar.

Na TV, Matheus recebeu elogios ao estreiar interpretando gêmeos na minissérie “Dois Irmãos” (2017), de Luiz Fernando Carvalho, baseado na obra de Milton Hatoum. Atualmente, ele vive o Tigrão na novela das sete da Globo, “Quanto Mais Vida Melhor”.

FLÁVIO BAURAQUI (Narciso)

Flávio Bauraqui vive Narciso, o capataz da fazenda que escraviza trabalhadores – e um dos responsáveis pela rede de violência e maus tratos em torno deles.

Bauraqui está entre os atores mais presentes no cinema brasileiro. Gaúcho de Santa Maria, ele estreou há 20 anos, com um papel em “Madame Satã” (2002), de Karim Ainouz. Seguiram-se muitos papéis de destaque, como em “Quase Dois Irmãos” (2004), “Noel – O Poeta da Vila” (2006), “Mutum” (2007), “Meu Nome Não é Johnny” (2008), “Nise: O Coração da Loucura” (2016), “A Vida Invisível” (2019) e o inédito “Medida Provisória”, de Lázaro Ramos.

Na TV, Bauraqui atuou em inúmeras novelas e especiais, além de séries como “Filhos da Pátria”, “Segunda Chamada” e “Arcanjo Renegado”.

MARIANA NUNES (Elenice)

Mariana Nunes vive Elenice, a auditora fiscal do trabalho que encoraja Pureza a ir a Brasília denunciar o trabalho análogo à escravidão que testemunhou na fazenda no Pará. Nascida em Brasília, ela vem se destacando desde 2009 com participações em diversos filmes, como “Alemão” (2014), “Pelé – O Nascimento de uma Lenda” (2015), o argentino “Zama” (2017),

“Divino Amor” (2019), “M8 – Quando a morte socorre a vida” (2019), “Doutor Gama” (2021) e “Alemão 2” (2022).

Atuando na televisão desde 2003, ela participou de séries como “Carcereiros” e “Segunda Chamada”, da TV Globo, e “O Mecanismo”, da Netflix. Atualmente, vive a doutora Joana na novela das sete da Globo, “Quando Mais Vida Melhor”.

SERGIO SARTÓRIO (Zé Gordinho)

Sérgio Sartório encarna Zé Gordinho, responsável por manter na fazenda o sistema de trabalho escravo, ao lado do capataz Narciso. Natural de Brasília, ele começou a se destacar no teatro na capital federal na Cia. Plágio de Teatro.

No cinema, ele estreou em longas-metragens em 2011 no drama “Simples Mortais”, de Mauro Giuntini. No ano seguinte, venceu o prêmio de melhor ator no Festival de Maringá (PR) com o suspense “Cru”, de Jimi Figueiredo. Outros trabalhos incluem o longa “New Life S.A.” (2018), de André Carvalheira, e a série “Força-Tarefa” (2010), na Globo.

“Pureza reúne em si o passado, o presente e o futuro. Enquanto comunidade quilombola, assistir a essa produção é memorar e reafirmar nossa luta cotidiana pela liberdade plena, e principalmente contra ao trabalho escravo contemporâneo.”
(Ludimila Carvalho dos Santos, quilombola)

NOTA DO DIRETOR – Renato Barbieri

“Pureza” é uma obra-síntese na rota de brasilidades e protagonismo das margens” que venho perseguindo e produzindo desde a obra seminal “Do outro lado da sua casa” (1985), que realizei com parceiros amigos da Olhar Eletrônico, produtora que agitou a cena do vídeo nos anos 80.

Este filme é um grito de horror à escravidão que se pratica no Brasil desde sempre. É também um grito de amor inspirado nessa mulher sertaneja e guerreira que é Pureza Lopes Loyola. Nosso desejo é que mulheres e homens se juntem – sem trégua! – nessa grande jornada de combater e erradicar a escravidão no Brasil, para que se encerre de vez esse ciclo tenebroso da nossa História e deixemos de ser uma colônia de nós mesmos para nos tornarmos, enfim, uma grande e digna nação.

“Pureza” não é um acidente em minha filmografia de 37 anos dedicados ao cinema de conteúdo, uma abordagem diferente do que se denomina cinema de entretenimento e cinema de arte. Realizamos o filme que desejamos fazer – isso não foi tarefa fácil - e isso se deve a quatro pilares estruturais:

1. O produtor Marcus Ligocki Jr. e eu juntamos uma equipe dos sonhos, com engajadíssimos departamentos de Fotografia, Direção de Arte, Som, Produção, Produção de Elenco, Montagem, Música e Pós, com a compreensão coletiva de que estávamos fazendo algo relevante para a sociedade e para nós mesmos;
2. Montamos um elenco formidável, também engajadíssimo, formado por atrizes e atores vindos de quatro das cinco regiões do país, com a cara múltipla do Brasil, e liderado por essa diva do cinema que é Dira Paes. No mundo inteiro, não haveria ninguém melhor para encarnar Pureza Lopes Loyola, a Pureza;
3. Construimos em torno do filme um inigualável arco institucional, formado por mais de 45 organizações nacionais e internacionais que combatem o trabalho escravo e defendem os direitos humanos. Essa robusta rede abolicionista nos tem oferecido um incessante apoio de conteúdo, network, capilaridade social, e nos permitiu acesso a recursos financeiros essenciais para a realização da obra;
4. Graças à política pública da ANCINE e do FAC/DF, foi possível levantar a maioria dos recursos que nos permitiram realizar o filme que desejávamos realizar.

SOBRE O DIRETOR

Com uma vasta carreira de documentarista sempre atento a questões sociais e políticas, Renato Barbieri tem praticamente 40 anos de carreira. Ele estreou na direção em 1983, como integrante da produtora paulista Olhar Eletrônico, ao lado de Fernando Meirelles, Paulo Morelli e Marcelo Tas, entre outros. Na Olhar, dirigiu quase 200 reportagens especiais para a TV e realizou os premiados curtas “Do Outro Lado da Sua Casa” (1985), “Duvideo” (1987) e “Expição” (1989).

A partir de 1992, Renato fundou a produtora GAYA Filmes e aprofundou-se em documentários de forte repercussão nacional e internacional que hoje já somam 52 títulos, com destaque para “Atlântico Negro – Na Rota dos Orixás” (1998), “A Idade do Brasil” (2000), “A Invenção de Brasília” (2001), “Malagrida” (2001), “Terra de Quilombo – Espaços de Liberdade” (2002), “A Liga da Língua” (2003), “Cidades Inventadas” (2010), “A Revolta dos Cabanos” (2014), “Guerra da Independência na Bahia” (2015), “Cora Coralina – Todas as Vidas” (2016), “Brasil Migrante” (2017), “Consciência³” (2019), “Servidão” (2019) e “Libertários” (2021).

Através da GAYA Filmes, Renato tem desenvolvido projetos audiovisuais com diversas instituições, entre elas ONU, FAO, UNESCO, UNICEF, PNUD e Banco Mundial.

ENTREVISTA – Renato Barbieri

Como começou o projeto de “Pureza”?

Eu estava em busca de um projeto grande, com alcance e tema universais. Até que o Hugo Santarém, fotógrafo de Brasília, me mostrou uma pesquisa preliminar que ele tinha feito sobre a Pureza. Ele me interessou na hora, porque eu já tinha feito o “Atlântico Negro” e o “Terra de Quilombo”, dois projetos sobre a negritude e a escravidão. Isso foi em 2007, o início de uma jornada que durou 12 anos. “Pureza” foi desenvolvido dentro de um arco institucional, a busca de instituições, organizações, universidades e ministérios que tenham a ver com o nosso tema. Essas instituições já nos colocaram na boca do gol da pesquisa do tema do trabalho escravo. E até o fim deste processo, queremos chegar a mais de 70 organizações parceiras.

E como foi o encontro com a verdadeira dona Pureza?

Eu já conhecia o Orani Tempesta, que foi bispo de Belém e hoje é bispo do Rio – já tínhamos feito campanhas da fraternidade juntos. O Orani me passou o telefone do Padre Flávio (*personagem que também está no filme*), e ele me passou o contato dela. Liguei pra ela em Bacabal, no coração do Maranhão, e disse que queria fazer um filme sobre a jornada dela em busca do Abel. Ela pensou e me respondeu: “Agora entendi o que o pastor falou pra mim num transe na semana passada. Ele me disse que os olhos do mundo iam me ver. Entendi o que são os olhos do mundo: é o cinema”. Ela é maravilhosa, tem conclusões de uma grande sabedoria. Dona Pureza me fez entender que a inteligência é um atributo da vida; não é uma exclusividade humana.

Apresentei o projeto ao Paulo Morelli, meu ex-colega na Olhar Eletrônico (hoje na O2), e ele viajou comigo pra Bacabal pra conhecermos dona Pureza. A partir de São Luís, rodamos 12 horas até lá. Ela tem todo o acervo dela guardado num baú, é muito organizada. Guarda até hoje as cartas que escreveu pra três presidentes - Collor, Itamar e Fernando Henrique – pedindo ajuda na busca do filho e denunciando o trabalho escravo. Na época, os abolicionistas deram a ela um gravadorzinho e uma fita cassete para ela registrar tudo o que ouvia, e ela tem tudo guardado até hoje.

O objetivo principal de dona Pureza sempre foi encontrar o filho Abel. Ela se tornou abolicionista por contingência. Entendeu que era uma abolicionista, mas não sabia disso antes. Ela tentava abrir os olhos dos governantes para o trabalho escravo – mas, para o Estado brasileiro, a escravidão tinha acabado em 1888 (*quando a Princesa Isabel assina a abolição da escravatura*). Rodei por várias cidades por onde ela passou: Rondon do Pará, Açailândia,

Imperatriz. Em Açailândia, alguém falou de um fazendeiro que ainda aliciava trabalhadores escravos. Ela pegou a Bíblia na hora e falou: “estou indo agora até lá”. Alguém retrucou que era noite, que era melhor esperar o dia seguinte, e ela respondeu: “Abel não pode esperar”. Fiz questão de incluir essa frase no filme. Dona Pureza passava fome, bebia água da chuva, enfrentou até onça – mas tiramos essa cena do filme porque ninguém ia acreditar.

Que adaptações vocês tiveram que fazer da história real da Pureza para a ficção?

O cinema precisa fazer uma contração de personagens e locações. Se você retrata mil locações e personagens diferentes, vira uma confusão. Resumimos em uma fazenda só todas as fazendas por onde a Pureza passou.

Mas toda a pesquisa documental para “Pureza” ainda rendeu um fruto maravilhoso. Falei com tantos abolicionistas que decidi fazer também um documentário sobre a escravidão no Brasil, indo da escravidão histórica à contemporânea. E assim surgiu o documentário “Servidão”, que percorreu festivais e será lançado depois do “Pureza”.

Como foi a experiência de trabalhar com a Dira?

Costumo dizer que a Dira é um animal cinematográfico, com um instinto enorme na frente das câmeras. É impressionante. Ela já tinha feito a narração de um documentário que eu dirigi sobre o Ciro de Nazaré. Quando o nome da Dira apareceu, ela ocupou minha tela mental de um jeito definitivo. Eu precisava de uma atriz que topasse uma profunda imersão no universo da Pureza, e que também fosse engajada e sensível a essa luta.

A Dira me contou que era presidente do MHuD (Movimento Humanos Direitos), do padre Ricardo Rezende, um grande abolicionista e colaborador no nosso roteiro. Foi a tempestade perfeita. Conseguimos conciliar a agenda dela com a Globo para filmar em junho e julho de 2018, o único período possível pra filmar na Amazônia. Digo com tranquilidade: não havia atriz melhor no mundo pra viver a Pureza.

Quando fomos conhecer a verdadeira dona Pureza em Bacabal, encontramos uma mulher muito falante, contadora de causos, até teatral nos seus gestos. E logo a Dira entendeu que era preciso construir uma Pureza mais a ver com a linguagem do cinema. Não sou um diretor que gosto de chegar com uma forma pronta para os atores. Eu chego com a filosofia, o contexto em que o personagem vive. O ator é que deve me trazer a forma; gosto de ser surpreendido.

Como foi o trabalho de misturar atores e não atores, trazendo trabalhadores que viveram a situação do trabalho escravo para o elenco?

Sempre quis fazer esse hibridismo de documentário com a ficção, mas não sabia como isso se daria. Fui trazendo vários elementos da minha pesquisa de campo pra dentro da ficção. Costumo dizer que o set invadiu o real, e o real invadiu o set. Fomos às locações onde as coisas acontecem, em Marabá e Brasília.

Quanto aos trabalhadores, a própria Dira comentou: “se eles não estivessem em cena, faríamos um outro filme”. Eles trouxeram verdade não só para a cena, mas contaminaram o elenco com o real. Toda a equipe foi impactada por eles. Eles nos ajudaram a melhorar os diálogos, a construção das frases das negociações com os patrões, por exemplo.

Como foi filmar a cena da assinatura do termo de criação do Grupo Móvel em Brasília em 1995?

Eu já estava em contato com os abolicionistas que deram entrevista para o meu documentário “Servidão”. Normalmente chamaríamos figurantes, mas tive a ideia de chamar essas pessoas, que participaram nos anos 90 do momento real da criação do Grupo Móvel. Conseguimos até o Paulo Paiva, que foi Ministro da Educação do governo FHC e assinou a criação do grupo. E ainda temos a Walderez de Barros, que faz a Ruth Vilela, uma grande abolicionista do Ministério do Trabalho e membro do SIT (Secretaria de Inspeção do Trabalho). É uma cena rápida, mas muito emblemática.

Como você vê a situação atual do trabalho escravo no Brasil atualmente?

A política de combate ao trabalho escravo criada no Brasil por esses abolicionistas tornou-se uma referência mundial. Eles foram criando mecanismos como a criação da “lista suja” das empresas que operam dessa forma – o que impede a contratação de empréstimos federais; a criação de um salário-desemprego para o resgatado; e políticas de reintegração social.

Do governo Temer pra cá, essas políticas começaram a sofrer retrocessos. O Ministério do Trabalho foi dissolvido em outras pastas por um tempo. O Grupo Móvel de Fiscalização é uma atividade cara, que requer deslocamentos e inteligência. Sem dinheiro, a sua atividade fica comprometida.

O combate ao trabalho escravo começou no governo Fernando Henrique, aprofundou-se no governo Lula, mas hoje está em retrocesso. Foi só no governo FHC que o Estado brasileiro reconheceu pela primeira vez que há trabalho escravo no Brasil. De 1888 a 1995, não deixou de haver trabalho escravo brasileiro; mas para o nosso Estado, ele não existia. Costumo dizer que o trabalho escravo contemporâneo começou já no dia seguinte à abolição da escravatura.

“Pureza”, o filme, tem o potencial de atuar de uma forma preventiva sobre essa situação. Quando um trabalhador comum vê este filme, ele entende a mecânica do trabalho escravo, como acontece o aliciamento, por que seus documentos são confiscados. Faremos muitas sessões em regiões vulneráveis para aumentar a consciência do país sobre esse problema. É necessário abrir os olhos e o coração da sociedade brasileira para o trabalho escravo. Precisamos virar essa página da nossa História.

“Duro, terno e inspirador, o filme nos faz ter esperança

que este país pode ser melhor a partir de guerreiros como Dona Pureza.”
(Lívia Villas Boas Campos, auditora fiscal do trabalho)

NOTA DO PRODUTOR – Marcus Ligocki Jr.

“Pureza” é um filme que nasceu do sonho de contribuir para a erradicação do trabalho escravo no Brasil.

Sua produção foi mais desafiadora do que poderíamos imaginar. Ao todo, foram 12 anos de trabalho intenso, planejado, buscando talentos e recursos, enfrentando obstáculos aparentemente intransponíveis, até que finalmente chegássemos à hora do lançamento.

Dona Pureza Lopes Loyola, a personagem real na qual o filme se baseou, viveu uma jornada digna dos grandes heróis da literatura mundial. Entendíamos que sua força inspiradora seria capaz de mobilizar formadores de opinião e pessoas comuns pela transformação do país. Todo esforço se justificava.

Para ampliarmos os resultados, sabíamos que era preciso contar essa história com grandes talentos e elevado valor de produção. Isso aumentaria nossas chances de conquistar uma distribuição consistente, capaz de assegurar visibilidade ao filme nas principais janelas de exibição.

Mas estava claro que apenas uma boa distribuição não mobilizaria a opinião pública para o combate ao trabalho escravo contemporâneo. Foi então que decidimos ampliar o escopo do que seria a produção de um filme, para que ele pudesse sair das telas para integrar o dia a dia das pessoas.

Passamos a construir relacionamentos com uma rede de admiráveis organizações formuladoras de políticas públicas e de programas educativos, atuantes na luta pela erradicação do trabalho escravo contemporâneo. Esse novo olhar para a produção cinematográfica foi muito bem acolhido. Hoje, nossa rede já supera 45 organizações nacionais e internacionais engajadas no combate à escravidão e na defesa dos direitos humanos.

O engajamento levou essas organizações a participarem da formulação da campanha de lançamento de “Pureza” nos cinemas. Assim, as condições para associar a empatia gerada nas salas de cinema com as ações de combate ao trabalho escravo estão formadas. As organizações que há décadas enfrentam o problema heroicamente, lutando contra a invisibilidade da causa, terão agora seus projetos fortalecidos pela onda de apoio da opinião pública a ser gerada pelo lançamento do filme.

Antes mesmo do lançamento de “Pureza”, já fomos surpreendidos com ações da sociedade que sugerem que estamos no caminho certo. Em meio ao início do trabalho de divulgação, fomos

informados de que o PAS/UnB adotou uma questão sobre Dona Pureza em suas provas, e o Colégio COC de Imperatriz no Maranhão criou uma disciplina eletiva para o ensino médio, baseada no filme.

O fortalecimento de quem atua pelo fim do trabalho escravo no Brasil é a consequência direta da visibilidade a ser conquistada pelo lançamento de “Pureza”. Contamos com o seu apoio para que possamos juntos construir uma nação mais justa e com trabalho digno para todos e todas.

SOBRE O PRODUTOR

Marcus Ligocki Jr. é diretor, produtor e roteirista. Em sua carreira, produziu longas metragens, premiadas nacional e internacionalmente: “As Vidas de Maria” e “Félix Varela”, de Renato Barbieri; “Rock Brasília – Era de Ouro”, de Vladimir Carvalho; “O Último Cine Drive-In”, de Iberê Carvalho; “Candango – Memórias do Festival”, de Lino Meireles; e “Uma Loucura de Mulher”, no qual também assina a direção. “Pureza” é seu sétimo longa-metragem como produtor.

Em paralelo, Ligocki tem uma vasta atuação no setor audiovisual brasileiro. Ele coordenou a criação do curso de graduação em Cinema e Mídias Digitais do IESB, em Brasília. Foi consultor Sênior das duas edições do projeto “Brasília Cinematográfica” do Ministério do Turismo. Foi conselheiro da incubadora de empresas culturais do CDT – UnB, membro do Comitê Gestor do FSA – Fundo Setorial do Audiovisual, membro da Câmara Técnica da ANCINE e consultor de mercado da diretoria da CONNE – Conexão Audiovisual Centro-Oeste, Norte e Nordeste. Também foi diretor da APROCINE - Associação dos Produtores e Realizadores de Longas Metragens do Distrito Federal; representante regional da BRAVI - Associação Brasileira de Produtores Independentes de TV; e curador do 52º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro.

ENTREVISTA – Marcus Ligocki Jr

Como teve origem o projeto de “Pureza”?

“Pureza” foi um projeto de longa gestação, que está completando 12 anos. Fui sócio do Renato Barbieri por três anos na produtora que hoje é a GAYA. Depois, seguimos caminhos diferentes. O Renato sempre teve uma demanda grande em documentários, enquanto eu estava buscando novas coisas na ficção. Mas seguimos parceiros em muitos projetos.

O Renato foi procurado pelo fotógrafo Hugo Santarém, que tinha feito uma jornada no interior do Maranhão. Por lá, ele ouviu falar na história da dona Pureza e começou uma pesquisa. O Renato já tinha uma relação próxima do Paulo Morelli, da O2, por conta da história deles na produtora Olhar Eletrônico. A O2 tinha feito ótimas relações internacionais, e participava de um fundo para projetos internacionais.

Renato e Paulo viajaram para conhecer dona Pureza, reuniram informações e começaram os primeiros tratamentos do roteiro. Até que o Renato sentiu a necessidade de buscar novos caminhos pro filme se realizar, e me procurou. Logo senti que este era um projeto muito especial, com potencial grande de ser percebido pelas pessoas, com um tema dramático que pouca gente conhece. Temos uma história de Davi contra Golias, uma mulher simples no interior do Maranhão lutando contra todo um sistema escravagista. E ao mesmo tempo a história mais simples do mundo: uma mãe que procura seu filho.

Isso tudo aconteceu enquanto eu fui descobrindo espaços democráticos a partir de instituições, por meio dos quais é possível interferir e ajudar a transformar o país. E eu também vinha numa espécie de laboratório, reunindo equipes diferentes, de lugares diferentes, com valores de produção diferentes, para entender o impacto disso com o público, com o objetivo de fazer filmes no Brasil para o mercado internacional.

Normalmente, um filme com essa temática teria uma produção bem menor. Mas eu me empenhei por uma produção grande. Por isso, tivemos um processo de captação de dez anos, passando por vários editais.

E como está sendo o caminho internacional do filme?

“Pureza” já foi exibido em 18 países e 35 festivais pelo mundo, tendo levado 28 prêmios. Colhemos depoimentos em exibições que fizemos com várias instituições parceiras, e o retorno é sempre o melhor possível.

Você também assina o roteiro com o Renato Barbieri. Quais foram as principais adaptações que vocês fizeram em relação aos fatos reais?

Sou um produtor que me envolvo em todas as etapas do filme, da concepção à finalização. Trabalhamos com *script doctors* muito qualificados para encontrar o caminho da nossa história. Um dos objetivos é que “Pureza” não fosse apenas um filme de nicho, que pregasse só pra convertidos; ele devia comunicar com todos os públicos.

A partir disso, eu e Renato começamos a construir uma unidade de ação, com um único personagem. Descartamos, por exemplo, ficar mostrando Abel capturado ao longo do filme. A força do filme estava em acompanhar dona Pureza do início ao fim. Pesquisamos todo o processo do trabalho escravo, ouvimos muitos ex-escravizados. O Renato ainda fez um documentário sobre o mesmo tema, o “Servidão”, e pôde fazer viagens com o Grupo Móvel de fiscalização do trabalho, acompanhou batidas em fazendas.

Por dois meses, mergulhamos numa escrita diária, buscando com que a jornada de Pureza fosse crível e potente, mantendo o interesse do espectador por cada passo. Muitas vezes, a realidade não é cinematográfica. Pureza viveu algumas coisas, como enfrentar uma onça, que soariam como mentira no cinema. São eventos fortes que ficamos seduzidos em mostrar, mas que às

vezes não funcionam bem na tela. Também concentramos todas as fazendas por onde ela passou em uma só.

Como vocês chegaram à escolha de Marabá, no sul do Pará, para as filmagens?

Sempre quisemos essa conexão muito forte com o real. Com a parceria das organizações que combatem o trabalho escravo, conseguimos recursos que nos possibilitaram viajar para o Pará, o Maranhão, às cidades onde tudo aconteceu de fato. Conversamos com as prefeituras, mapeamos as cidades. Conversamos com muitos produtores que já tinham feito filmes sobre a Amazônia para entender quais foram os principais problemas e desafios. A própria O2 já tinha feito “Xingu” e “Serra Pelada”, feitos em condições parecidas.

Muitos nos disseram para evitar filmar na floresta amazônica por conta das dificuldades logísticas e dos riscos de termos os custos aumentados. Alguns indicaram boas locações próximas a São Paulo. Mas o valor de ter a textura local, as pessoas do lugar, o jeito de falar, nos soava importante, e fazia parte das premissas do que seria o filme. Buscamos mostrar um Brasil mais pulsante, de fora do eixo Rio-São Paulo, e trazer esse país pro diálogo, se comunicando com um público que está mais habituado à estética Rio-São Paulo. E trazer os trabalhadores ex-escravizados foi parte desse pensamento.

Marabá nos mostrou esse potencial fantástico, com três rodoviárias, um aeroporto e uma floresta a poucos quilômetros do centro. Lá, tivemos oito semanas de pré-produção mais sete semanas de filmagem. No fim deu tudo certo. Chegamos a atravessar uma greve de caminhoneiros logo no início das filmagens, que podia botar tudo a perder, mas conseguimos resolver tudo da melhor forma possível.

Como você e Renato chegaram no nome da Dira Paes?

A Dira sempre foi a possibilidade que nos encantava mais. É uma atriz paraense, que tem intimidade com aquela região. E acima de tudo é uma ativista, presidente de uma organização (*o Movimento Humanos Direitos*) que tem entre seus objetivos o combate ao trabalho escravo contemporâneo. Ela conhece todo esse universo, se importa com aquilo. Precisamos enfrentar as questões de agenda dela, mas no fim as filmagens precisaram ser adiadas e encontramos um espaço.

E como foi trabalhar com os não atores, muitos deles com histórico de trabalho escravo?

Essa ideia estava alinhada a tudo o que a gente tinha definido como linha narrativa pro filme. Fizemos uma seleção de cerca de 30 trabalhadores rurais que tinham sido submetidos a trabalho escravo no passado. Esse acesso foi construído pelas organizações que nos apoiaram. Tivemos todo um trabalho de preparação para que esses trabalhadores pudessem atuar. Ao mesmo tempo, nossos atores profissionais também precisavam mergulhar nesse processo. Quando juntamos todos, foi muito emocionante. Tudo o que o ator quer é informação de qualidade para construir seu personagem. Essa convivência foi muito rica para todos.

E tivemos o suporte do Claudio Barros, preparador de elenco paraense. Ele é o ator que faz o papel do Padre Flávio no filme.

Como foram se juntando ao projeto as organizações nacionais e internacionais na produção?

Ao longo do processo de captação e produção, fomos entrando em contato com dezenas de organizações admiráveis. Atualmente já são mais de 40 organizações parceiras, e esperamos chegar a 80. Elas foram gerando em nós uma emoção e uma admiração muito fortes. Quanto mais elas se aproximavam, mais a gente se fortalecia. Todas elas empreendem uma jornada de muita dedicação e interesse com a qualidade de vida do outro. São jornadas heroicas que precisam ser conhecidas, e não podemos esquecer dos riscos que elas enfrentam diariamente.

Nosso filme chega para fortalecer e dar mais visibilidade ao trabalho delas. Só tenho a agradecer por todo o carinho, apoio e aprendizado que elas nos trouxeram.

Qual é a missão de um filme como “Pureza”? Onde você gostaria de ver este filme chegar?

Ao longo desses dez anos, foi muito trabalho, dedicação e aprendizado com desafios que a gente ainda não conhecia. A missão deste filme é expandir a área de sensibilidade das pessoas para a questão do trabalho escravo contemporâneo.

O cinema é uma arte capaz de te jogar na jornada de um personagem, fazer você sentir o que o personagem sente. Na questão do trabalho escravo, o que temos muitas vezes é a informação chegando de forma fria, uma denúncia, uma reportagem. Em geral, o avanço no combate a esse problema fica espremido por um teto: são as pessoas que já se sensibilizaram pela luta. Para construir justiça e dignidade para um número cada vez maior de pessoas, é preciso ampliar o leque de pessoas atentas a essa questão.

Creio que “Pureza” vai dar às pessoas que o verem a sensação de ter descoberto um mundo que elas não conheciam. E despertar nelas o interesse de falar desse mundo pra outras pessoas, discorrendo com mais propriedade sobre essa realidade. Essa é a grande missão do nosso filme.

“Que trabalho maravilhoso! Finalmente, uma chance real de entender todos os mecanismos, equipamentos e lógica implacável da escravidão moderna. Além disso, o fato de saber que se baseia em fatos reais dá um peso enorme a essas imagens, a esses diálogos. Obrigado por nos dar esse acesso, essa chance de nos alfabetizar sobre a realidade atroz que a escravidão moderna representa.”

(Kim Altmeyer , professora aposentada)

COM A PALAVRA, NOSSOS PARCEIROS

LEONARDO SAKAMOTO

Repórter Brasil

“Pureza”, dirigido por Renato Barbieri e estrelado por Dira Paes, é um filme para compreendermos um país, um povo e um tempo.

Em 1993, a maranhense Pureza Lopes Loyola saiu de Bacabal, onde morava, em busca de seu filho Abel, que fora aliciado para trabalhar em uma fazenda. Durante os três anos em que percorreu o Maranhão e o Pará, ela se deparou com graves situações de exploração de trabalhadores em garimpos, carvoarias e fazendas. Pureza registrou e levou as violações às autoridades.

As suas andanças e denúncias engrossaram o caldo da pressão para a ação do Estado brasileiro, que reconheceu a existência da escravidão contemporânea somente em 1995. Desde então, quase 58 mil pessoas foram resgatadas pelo governo.

Trabalho escravo não é uma doença, mas um sintoma de que algo não está bem na sociedade. A concentração de riqueza e de justiça nas mãos de poucos produz mais escravizados do que o governo é capaz de libertar.

Abel voltou para casa, mas outros milhares, não, apesar do esforço daqueles que lutam para que a exploração dos trabalhadores um dia acabe. A história contada em Pureza, portanto, nos define: da ganância dos proprietários de terra à perseverança daqueles que os denunciam.

Barbieri produz, nesse sentido, um filme-testamento de um povo e um tempo que querem caminhar para o futuro, mas seguem involuntariamente cativos em seu passado.

FREI XAVIER PLASSAT

Coordenador de Projetos CPT – Comissão Pastoral da Terra

“Pureza” é daqueles filmes que não lhe deixam sair ileso. Juntos estão aí a força dramática de uma ficção e a objetividade implacável de um documentário.

É que a história toda, narrada com maestria pelo diretor Renato Barbieri, se inspira na saga real de uma mulher maranhense: dona Pureza Lopes Loyola, de Bacabal. Crente em Deus e sozinha na vida com seu filho Abel, ela peleja a fabricar tijolos para garantir o sustento.

Estamos no início dos anos 1990, mas bem poderia ser hoje. Cansado desta rotina de miséria, o jovem Abel segue o irresistível apelo do garimpo e sai atrás da fortuna, lá no Parazão. E não dá mais notícia.

Imaginando o pior, Pureza, mãe coragem e crente em Deus, larga tudo e se lança na busca frenética do filho, disposta a enfrentar o possível e o impossível.

Magnificamente incorporada por Dira Paes, Pureza se junta a uma turma de peões, empreitados para roçar uma fazenda sem nome, recém desmatada. O dono é senador, ocupado em Brasília a garantir a livre destruição da Amazônia. Ali Pureza descobre, estarrecida, a brutal crueldade do trabalho escravo, que suga e mata esses homens, entre cada um dos quais ela reconhece o seu Abel. Ela junta provas irrecusáveis. Com a cumplicidade de um padre da CPT, Pureza consegue fugir, segue até Brasília e ali provoca verdadeiro rebuliço no Fórum Nacional contra a Violência, obrigando as autoridades a se mexerem. A força do seu testemunho abala o negacionismo dominante. Logo mais, um grupo especial de fiscalização é criado e vai estourar a fazenda, onde afinal também liberta o Abel de verdade.

1995: começa então a virada radical na política nacional de combate ao trabalho escravo. Contra ventos e marés, frente a um agro nada pop e a novos negacionistas, até hoje estamos nessa peleja, beirando os 60 mil trabalhadores já retirados da escravidão “moderna”, de norte a sul do país. O elenco do filme, em sua maioria formado por trabalhadores reais da região de Marabá, ao lado da Dira paraense, simboliza com perfeição quem são os reais sujeitos desta revolução.

MÉRCIA SILVA

Diretora da InPACTO – Instituto Pacto Nacional pela Erradicação do Trabalho Escravo

Escutar ou ler sobre a história de Pureza por si só já é comovente. Mas poder assistir essa jornada em uma tela de cinema em cores é revolucionário.

Sempre soubemos que a sétima arte vem para provocar, para auxiliar na apreensão dos mundos, para reforçar ou quebrar estereótipos ou conceitos, para marcar território e influenciar mentes e almas. Sabemos do poder transformador dessa arte, afinal prestamos atenção mais nas imagens que nos demais meios de emissão de informação.

Nesse sentido, para a luta por direitos e dignidade humana, esse filme vai colaborar com toda a sociedade brasileira, pois evidência - ilustra algo que muitos brasileiros não conhecem ou não admitem que ainda exista. Ao sair do filme, por mais que ele pareça distante no tempo, as imagens são muito comuns e vivenciadas por grande parcela da população, em especial a rural. Assim sendo, muitos desses trabalhadores e trabalhadoras podem associar suas histórias de vida atual ou passada. Essa identificação já foi observada em diversas exposições do filme para esse público.

E para o público tomador de decisão, como empresas, governos e sociedade civil local? A experimentação dessa obra tem o poder de aguçar o olhar desses agentes, públicos ou privados, para que entendem os formatos e métodos de exploração de vulneráveis e

subjugação deles ao trabalho análogo ao escravo. As cadeiras universitárias, distantes nos centros urbanos, não foram e ainda não são palcos para se debater dignidade humana, trabalho decente, direitos humanos, racismo e outras mazelas que fomentam as desigualdades e permitem que essas formas de exploração ainda ocorram no meio rural e urbano.

Ver a arte pode colaborar para ver a vida e realidade.

MAURICIO KREPSKY FAGUNDES

Chefe do DETRAE – Divisão de Fiscalização para Erradicação do Trabalho Escravo

Em julho de 2020, trabalhadores maranhenses foram resgatados de condições análogas à escravidão em Santa Catarina após terem sido aliciados por meio de carro de som no Maranhão.

Vítimas de tráfico de pessoas para fins de exploração laboral, os trabalhadores receberam seus direitos trabalhistas no mesmo dia em que se celebrava o Dia Mundial de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas, 30 de julho, e retornaram para as suas cidades de origem, após mais uma operação do Grupo Especial de Fiscalização Móvel.

Alguns anos antes, a mesma forma de aliciamento e exploração foi filmada e narrada no filme “Pureza”, baseado em fatos reais do passado e também do presente, que remonta ao início do combate ao trabalho escravo contemporâneo no Brasil e cujo enredo conecta os caminhos de Dona Pureza na busca de seu filho Abel com a criação do Grupo Móvel, hoje reconhecido internacionalmente como uma boa prática brasileira na defesa de direitos humanos.

Os passos de Dona Pureza já foram os de Frei Henri des Roziers, da Comissão Pastoral da Terra, e hoje são os de auditores-fiscais do trabalho, de policiais federais e rodoviários, de procuradores do trabalho e da República, de defensores públicos e de vários servidores públicos que percorrem o país na defesa de Abéis e na luta contra a escravidão moderna.

LYS SOBRAL

Presidente da CONAETE – Coordenadoria Nacional de Erradicação do Trabalho Escravo

O filme “Pureza” é uma obra indispensável para nosso contato e reflexão sobre uma realidade tão antiga, mas tão atual, do Brasil.

É incrível o poder da arte em acessar as emoções e os sentimentos das pessoas para que de fato alcancem o imenso sofrimento que uma mãe e seu filho passaram por conta da pobreza de que eram vítimas e da ganância e impunidade de quem se dispõe a explorar a vulnerabilidade alheia.

Quase 30 anos já se passaram desde que Pureza saiu de Bacabal em busca de seu filho Antônio Abel, que partiu para trabalhar e não mais apareceu nem mandou notícias. O tempo passou, muito trabalho foi feito, mas essa ainda é a realidade de muitos trabalhadores e trabalhadoras no Brasil, desafiando diariamente os órgãos que atuam na fiscalização a se aperfeiçoar cada vez mais.

É preciso honrar o legado de Dona Pureza, que, com sua garra e total convicção de que jamais desistiria, levou seu caso, e com ele vários outros, aos olhos do Estado, que há muito fazia vistas grossas para as formas contemporâneas de escravidão.

No dia 14 de maio de 1888, após a abolição formal da escravatura, o Brasil era um país sem reformas de base, como a agrária e a do sistema de educação, e milhares de pessoas então alforriadas não podiam vislumbrar qualquer horizonte de mudança em suas vidas. Geração após geração, chegamos ao cenário de hoje, com tantas pessoas ainda vítimas dessa forma tão vil de violação dos direitos humanos.

A obra de Renato Barbieri, protagonizada pela brilhante Dira Paes, é mais que um filme. É um chamamento de toda a sociedade rumo a dias mais justos e menos violentos em nosso país.

BRÍGIDA ROCHA

Ação Social CPT – Comissão Pastoral da Terra

“Pureza” é a expressão da realidade de milhares e milhares de trabalhadores e trabalhadoras no Brasil. O filme provoca emoções, visibiliza o cotidiano dos explorados, mostra a luta de uma mulher pela vida de seu filho e expõe sobre a quem interessa a manutenção da escravidão. O filme expõe ainda os desafios de pessoas submetidas às condições degradantes, jornadas exaustivas, servidão por dívida e trabalho forçado.

Vítimas da ausência de políticas públicas e ameaçados em seus territórios pelas situações de pobreza e insegurança alimentar, jovens são forçados a migrar, impulsionados pela busca de ‘oportunidade para melhorar de vida’ e acabam por se encontrar em condições piores ainda, mais explorados e oprimidos.

Dona Pureza quebra o mito de abolição da escravatura, denuncia e desafia as autoridades brasileiras para agirem com maior compromisso no combate ao trabalho escravo. Uma mulher simples que não se calou diante dos opressores. Suas inquietações contribuíram para dar visibilidade a esse drama terrível e permitiu a agilidade na criação do Grupo Especial de Fiscalização Móvel. “Pureza” mostra que o trabalho escravo ainda existe, que pessoas são coisificadas, seus nomes ignorados, suas identidades sequestradas, seus direitos violados, suas vidas destruídas pelos que escravizam em nome do lucro.

APOIO INSTITUCIONAL (rede abolicionista)

(por ordem alfabética)

- ANAMATRA - Associação Nacional dos Magistrados do Trabalho
- ANPR - Associação Nacional dos Procuradores da República
- ANPT - Associação Nacional dos Procuradores do Trabalho
- Anti-Slavery international – Londres
- Business & Human Rights resource Centre
- CBJP/CNBB - Comissão Brasileira Justiça e Paz
- CDVDH - Centro da Defesa da Vida e dos Direitos Humanos
- CEPEETH/CNBB - Comissão Episcopal Pastoral Especial para o Enfrentamento ao Tráfico Humano
- CJP-OP - Comissão de Justiça e Paz da Família Dominicana no Brasil
- Clínica do Trabalho Escravo da Universidade Federal de Minas Gerais
- CNBB - Confederação Nacional dos Bispos no Brasil
- COETRAE-BA - Comissão Estadual para Erradicação do Trabalho Escravo do Estado da Bahia
- COETRAE/MA - Comissão Estadual de Erradicação do Trabalho Escravo do Maranhão
- COETRAE-MT - Comissão Estadual para Erradicação do Trabalho Escravo de Mato Grosso
- COETRAE/MS - Comissão Estadual de Erradicação do Trabalho Escravo do Mato Grosso do Sul
- COETRAE/PA - Comissão Estadual de Erradicação do Trabalho Escravo do Pará
- COETRAE-PB - Comissão Estadual de Erradicação ao Trabalho Escravo da Paraíba
- COETRAE-RJ - Comissão Estadual de Erradicação do Trabalho Escravo do Rio de Janeiro
- COETRAE-TO - Comissão Estadual de Erradicação do Trabalho Escravo do Tocantins
- Comitrate/MG - Comitê Estadual de Atenção ao Migrante, Refugiado e Apátrida, Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas e Erradicação do Trabalho Escravo de Minas Gerais
- CONAETE / MPT - Coordenação Nacional [do Ministério Público do Trabalho] para a Erradicação do Trabalho Escravo e do Tráfico de Pessoas
- CONATRAE - Comissão Nacional para Erradicação do Trabalho Escravo
- CONTAG – Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares, membro titular da CONATRAE
- CONTAR – Confederação Nacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras Assalariados (as) Rurais

- CPT/CNBB - Comissão Pastoral da Terra
- CRS - Catholic Relief Services
- Freedom Fund
- Free The Slaves – Washington
- GAETE - Grupo de Apoio à Erradicação do Trabalho Escravo
- GEFM – Grupo Especial de Fiscalização Móvel de Combate ao Trabalho Escravo (Inspeção do Trabalho)
- GPTEC - Grupo de Pesquisa Trabalho Escravo Contemporâneo
- ICL – Instituto Conhecimento Liberta
- INPACTO - Instituto Pacto Nacional pela Erradicação do Trabalho Escravo
- Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social
- Instituto Observatório Social
- ITD - Instituto Trabalho Decente
- ITD – Instituto Trabalho Digno
- MHUD - Movimento Humanos Direitos
- MPT - Ministério Público do Trabalho
- NEPP-DH/UFRJ – Núcleo de Estudos de Políticas Públicas em Direitos Humanos
- OAB - Ordem dos Advogados do Brasil
- OAB/CNVENB - Comissão Nacional da Verdade da Escravidão Negra do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil
- Observatório Socioambiental do Sudeste Paraense
- Rede “Um Grito Pela Vida”
- Repórter Brasil
- Secretaria Nacional de Justiça – Ministério da Justiça
- SINAIT - Sindicato Nacional dos Auditores Fiscais do Trabalho
- SIT/MTE – Secretaria de Inspeção do Trabalho
- TRT – 8ª Região

DOWNTOWN FILMES

Fundada em 2006, a Downtown Filmes é a única distribuidora dedicada exclusivamente ao cinema brasileiro. Desde 2011, ocupa a posição de distribuidora número 1 no ranking de filmes nacionais. De 2006 até hoje, vendeu mais de 50% de todos os ingressos de filmes brasileiros lançados.

A Downtown já lançou mais de 150 longas nacionais, que acumulam mais de 160 milhões de ingressos vendidos. Entre os maiores sucessos da distribuidora estão “Turma da Mônica –

Laços” e “Turma da Mônica – Lições”; “Minha Mãe É Uma Peça 1, 2 e 3”, estrelados por Paulo Gustavo; “De Pernas Pro Ar 1 e 2”, e “Loucas Pra Casa”, com Ingrid Guimarães; “Chico Xavier”, “Elis”; “Fala Sério, Mãe!” com Ingrid Guimarães e Larissa Manoela; “Os Farofeiros” com Maurício Manfrini e Cacau Protásio; “Minha Vida em Marte” com Paulo Gustavo e Mônica Martelli, “Cine Holliúdy 1 e 2” e “Simonal”, entre muitos outros.

FICHA TÉCNICA

ELENCO

Dira Paes
Matheus Abreu
Flávio Bauraqui
Mariana Nunes
Sérgio Sartório
Claudio Barros
Alberto Silva Neto
Jefferson Mendes
Guto Galvão
Gregório Benevides
João Gott
Enoque Marinho
Goretti Ribeiro
Paulo Marat
Felipe Lima
Andrade Junior
Roger Paes
Marta Ferreira
Amanda Perdigão
Zuhmar de Nazaré

Participação Especial

Walderez de Barros
Antônio Grassi
Giulio Lopes
Paulo Paiva

Núcleo de Trabalhadores Rurais

Adonis Mendes
Celio Ferreira
Dalvan dos Santos
Erisvaldo da Silva
Jonas Silva
Euzimar de Souza

João Batista Lima
Joeldo Marques
José Gildaro
Matias Gomes
Milson Almeida

EQUIPE

Direção: Renato Barbieri

Produção: Marcus Ligocki Jr

Roteiro: Renato Barbieri, Marcus Ligocki Jr

Ideia Original: Hugo Santarém

Fotografia: Felipe Reinheimer

Montagem: Marcelo Moraes, EDT

Música: Kevin Riepl

Direção de Arte: Zé Luca

Som Direto: Zezé D'Alice

Supervisão de pós-produção: José Augusto de Blasiis

Desenho de Som: Caetano Cotrim De Blasiis, Eric Ribeiro Christani

Mixagem: Lucas Meyer, A.S.A.

Figurino: Inês Salgado

Desenho de Maquiagem: Martín Macias Trujillo

Maquiagem: Mari Pin

Direção de Produção: Mariangela Furtado

Produção de Locação: Johnny Catrolli (Marabá), Fernando Toledo (Brasília)

Produção de Elenco: Ciça Castello

Produtor Associado: Affonso Beato

Produção Executiva: Marcus Ligocki Jr., Renato Barbieri, Paulo Morelli e Marcelo Goedert

Empresa Produtora: Gaya Filmes, Ligocki Entretenimento